



SEÇÃO: ENSAIOS

Morada de Memórias em *O canto dos escravizados*¹

Address of Memories in O canto dos escravizados

Ana Rita Santiago²

orcid.org/0000-0001-7639-7321

anaritasilva@ufrb.edu.br

Recebido em: 3 abr. 2020.

Aprovado em: 22 jun. 2020.

Publicado em: 18 agos. 2021.

Resumo: Este artigo advém de um mapeamento elaborado sobre autoras moçambicanas (2016-2017), no âmbito de pós-doutoramento. Desta pesquisa, resultou o livro *Cartografias em construção – Algumas escritoras de Moçambique* (EDUFRB, 2019). O livro *O canto dos escravizados* (NANDYALA, 2018), de Paulina Chiziane, a moçambicana contadora de história, destaca-se neste texto. O seu foco discursivo agencia entendimentos sobre as baladas memorialísticas e a recorrência do mar como um ambiente de memórias inventadas por vozes e brados presentes na obra. O objetivo deste texto é apresentar algumas leituras descritivo-interpretativas dos "textos em versos", como a autora caracteriza as narrativas, com ênfase na compreensão das odes como invenções de memórias do que se quer lembrado, mas também esquecido, relacionado com a escravidão de africanos(as) nas Américas. Espera-se, com este texto, o incentivo à leitura de *O canto dos escravizados* e o entendimento de que lembrar, semelhante aos "textos em versos", pode significar um processo de imersão no passado, implicando esquecer e/ou revogar lembranças e inventar o tempo presente.

Palavras-chave: Canções. Mar. Memórias. Africanos. Escravidão.

Abstract: This article comes from a mapping elaborated on mozambican authors (2016-2017), in the scope of post-doctoral studies. This research resulted in the book "Cartografias under construction - Some female writers from Mozambique" (EDUFRB, 2019). The book "The Singing of the Slaves" (Nandyala, 2018), by Paulina Chiziane, from the Mozambican storyteller, stands out in this text. Its discursive focus agendas understandings about memorial ballads and the recurrence of the sea as an environment of memories invented by voices and cries present in the work. The purpose of this text is to present some descriptive-interpretative readings of the "texts in verses", as the author characterizes the narratives, with an emphasis on understanding odes as inventions of memories of what one wants to remember, but also forgotten, related to the slavery of africans in the Americas. It is expected, with this text, to encourage the reading of "The Singing of the Slaves" and the understanding that remembering, similar to "texts in verses", can mean a process of immersion in the past, implying forgetting and/or revoking memories and inventing the present time.

Keywords: Songs. Sea. Memoirs. Africans. Slavery.

Introdução

A elaboração de uma cartografia literária produzida por mulheres de Moçambique não tem sido uma tarefa fácil e sem complexidades, visto que a 'naturalização' do gênero dos poetas e romancistas, também na



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Este texto deriva da pesquisa "A Literatura de Autoria Afro-feminina em Moçambique e na Bahia-Brasil", desenvolvida no âmbito de estágio pós-doutoral (2016-2017), realizado na Université Paris Descartes – Paris V – Sorbonne, França, e supervisionado pelo Prof. Michel Maffesoli e pela Profa. Ana Maria Peçanha, a qual teve como resultado uma cartografia, em construção, de autoras africanas em Moçambique e o livro *Cartografias em Construção – Algumas Escritoras de Moçambique* (EDUFRB, 2019). Essa investigação integra a pesquisa, em andamento, "A Literatura Afro-feminina em Trânsito: África Portuguesa e Bahia – Brasil" (UNEB). O texto já foi, parcialmente, publicado na Revista Sociopoética da UEPB.

² Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Cruz das Almas, BA, Brasil; Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, BA, Brasil.

Ilha de Moçambique, das águas turvas e cinzas, mas também cristalinas e límpidas, tem uma predominância masculina, imperando, também nas letras, a prevalência patriarcal. Ainda que a poeta Noémia Sousa seja considerada a *mãe dos poetas moçambicanos*, prepondera, no país, a referência de identidade autoral masculina. São os homens que mais escrevem, mais publicam e usufruem mais notoriedade.

A invisibilidade de nomes de escritoras em Moçambique e a pouca importância dada às suas tessituras, por vezes, consideradas de pouco valor estético, favorece o silenciamento de suas vozes autorais e o cerceamento de sua escrita literária. Ecoam e emergem, inclusive, os célebres questionamentos quando a autoria feminina é um dos desassossegos investigativos: Que mulheres escrevem? O quê, por que e como escrevem? Como publicam e circulam suas obras?

O alto índice de analfabetismo; a ausência de políticas públicas em favor dos direitos culturais e do patrimônio cultural; a falta de bibliotecas, de planos, programas e ações institucionais suficientes e eficazes de acesso ao livro e de incentivo à leitura e à escrita; a não democratização dos bens culturais e da educação; a inexistência de políticas editoriais; e o nível baixo de escolaridade, predominante entre as mulheres, dentre outros elementos, associados às desigualdades de gênero, fortalecem o recrudescimento do empoderamento das mulheres, bem como promovem o apagamento da identidade autoral feminina em Moçambique, igualmente, em águas do Atlântico.

Não obstante essa realidade, muitas mulheres moçambicanas escrevem, mesmo que nem todas participem, satisfatoriamente, de circuitos e projetos artístico-culturais e literários do país. Algumas autoras têm construído, no e a caminho, múltiplos percursos editoriais, nacional e, internacionalmente. Ainda não de modo equânime, desejável e necessário, várias já conseguem publicar e, de modo criativo e resistente, formar público leitor nacional e algumas (poucas ainda) até internacionalmente.

É preciso compreender a produção literária contemporânea dessas autoras como um projeto

integrante da literatura moçambicana, através do qual se gestam palavras e narrativas (en) cantadas, comprometidas, não tão somente com a fruição, mas também com modos criativos e discursivos de (re)invenções e mobilizações de existências e identidades. Ao visitarmos as suas tessituras constatamos que os seus passos vêm de longe! Noémia de Sousa, Lina Magaia, Josima Machel, Fátima Langa, dentre outras, fizeram as suas travessias literárias em prol da libertação do jugo da dominação colonial portuguesa e da formação da nação, além de forjarem pontes, também literárias, valorizando paisagens, cores, cheiros, narrativas, cosmogonias, repertórios culturais e histórias locais.

Lília Momplé, Paulina Chiziane, Isabel Ferrão, Felismina Velho, Sónia Sultuane, Tânia Tomé, Cri Essencia, Rosa Langa, Sara Rosário, Lica Sebastião, Lídia Mussa, Isabel Ferrão, Isabel Gil, Nilzete Monteiro, Npaly, Énia Wa Lipanga, Rosa Isabel Maiôpué, Henriqueta Macuácuá, Hirodina Joshua, Dama do Bling, Donia Tembe, Emilia Alexandre, Eunice Matabele, Amilca Ismael, Carla Soeiro, Clarisse Machanguana, Cláudia Constance, Emmy XyX, Eliana Nuzialo, dentre outras, inscrevem as suas identidades autorais, em construção, a trilhar caminhos, desenhando atravessamentos e criando pontes para um pulsante crescimento e fortalecimento da dicção literária de mulheres em Moçambique.

A contadora de histórias, Paulina Chiziane é o destaque deste texto, o qual tem como objetivo apresentar algumas leituras descritivo-interpretativas do livro *O canto dos escravizados* (NANDYALA, 2018), a sua décima quarta obra, tendo como ênfase a compreensão e a análise de algumas canções e do signo mar como morada de memórias.

Paulina Chiziane é a escritora moçambicana, atualmente, com maior número de obras publicadas, em prosa, no seu país e no exterior, de acordo com o livro *Cartografias em construção – Algumas escritoras de Moçambique* (SANTIAGO, 2019). É a romancista que mais se destaca no tocante a um projeto literário que se funda e se sustenta em bases culturais, em ondas de Moçambique e do Índico, mas que se alarga por outras águas e se intersecciona por outras fronteiras e territórios

identitários e geográficos. Sem matiz autoritário, ela tensiona, em suas obras, a dominação cultural ocidental e as faces do eurocentrismo em Moçambique, após a independência. Por conta disso, as suas narrativas valorizam traços culturais locais e apresentam focos narrativos indignados e questionadores em relação às experiências que ameaçam a dignidade humana e sustentam a clandestinidade e, ainda, em relação às práticas culturais e religiosas tradicionais de Moçambique.

A maioria dos romances de Paulina Chiziane, assevera a estudiosa portuguesa Ana Mafalda Leite, "[...] têm em comum uma crítica incisiva à hipocrisia dos comportamentos da burguesia urbana moçambicana e desvendam os tortuosos procedimentos de uma sociedade, eminentemente, patriarcal" (LEITE, 2013, p. 179). Neste sentido, em uma nuance reivindicativa e expositiva, a sua obra aguça o debate sobre a valorização da cultura local; possíveis choques culturais; a importância do continente africano para o surgimento e desenvolvimento da humanidade; o patriarcalismo em costumes moçambicanos; os papéis socioculturais atribuídos à mulher; a poligamia etc.

Como memórias, por vezes, autobiográficas, as suas narrativas reescrevem e rememoram contos orais tradicionais, anteriores ao período colonial, ora pouco valorizadas ora retomadas no pós-guerra e pós-independência, ou ficcionalizam experiências pessoais que não se tropeçam em intimismo, mas se entrecruzam com vivências de outros(as) e/ou se desdobram em ocorrências sociais e coletivas. Algumas, ainda, se tecem a partir de fatos políticos ou históricos do país. Por essa gama de motivos, acrescentam-se ainda inquietações, a criatividade e as aspirações da autora que, através e com suas histórias e memórias, reitera vivências e repertórios culturais das vidas urbana e rural.

Avulta, inclusive, pelo projeto autoral de contação de histórias, que se consolida por, dentre outros objetivos, provocar reflexões sobre a (re) invenção de identidades moçambicanas, concomitantemente, com a construção da nação que se quer, simultaneamente, africanizada, cosmopolita e intercultural. Além de instigar o enfrentamento

de dilemas, quase inevitáveis, provocados por choques culturais, políticos e religiosos entre Moçambique e a cultura ocidental; e apontar a necessidade de se repensar as relações de gênero. Na literatura, principalmente, a dominação masculina que ainda permeia a situação das mulheres em várias partes do país, bem como as narrativas, como veremos neste texto, sobre a escravidão, na África e na Américas, "a estupidez humana", assim denominada pelo prefaciador do livro *O canto dos escravos* (2017), Dionísio Bahule.

O canto dos escravizados – entre baladas e memórias

O canto dos escravos e *O canto dos escravizados*, publicados, respectivamente, em 2017, pela editora da autora, Matiko e Arte, Lda, em Maputo, e, em 2018, no Brasil, pela Nandyala, são narrativas, ou "textos em versos", como caracteriza a autora. São imbuídas ora por durezas, dores e sofreguidões, por vezes, intragáveis, ora por esperança, fé, leveza, imagens belas e encantadoras e utopias, também, por vezes, alentadoras, ao redor de temas inspidos para africanos (as) negros (as) da África e das diásporas como a escravidão, a colonização, o pertencimento africano, a resistência, a ancestralidade a liberdade, dentre outros. Como declara a autora, "[...] Com estes versos escravizados, remontamos a raiz de todos os conflitos. São versos livres, tristes, alegres, musicados, para ritmar a dança da história" (CHIZIANE, 2018, p. 10).

Composto por 105 "textos em versos", organizados em sete livros, *O canto dos escravizados* (2018) narra, ficcionalizando, percursos de africanos(as) na África e nas Américas no período colonial, subjugados(as) à escravidão, com o intuito de reavivar "a memória coletiva: a *África jamais esquecerá os seus filhos*" (CHIZIANE, 2018, p. 7).

A obra é uma retomada, inventada, da existência do(a) africano(a) negro(a), da dor e da esperança, através de um diálogo, também inventado, entre o passado, o presente e o futuro como descreve a voz africana não escravizada de *Testamento de um escravizado*, do *I Livro – Testamento*.

Eu sou o teu passado e o teu presente
 Através de ti retornei à vida, ó filho de África
 Porque trazes no sangue a força de todos os
 escravos
 És tu que vai hastear para sempre a bandeira
 da liberdade
 Escuta a suavidade deste canto de esperança.
 Serena
 Respira o ar puro do alto das montanhas. Reflete
 Busca inspiração na memória da África e do mundo
 Segura com braços firmes a liberdade que
 se escapa
 (CHIZIANE, 2018, p. 17).

Com esse clamor, no *Canto*, transitam o ontem, o vivido, o imaginado e em memórias ancestrais (a escravidão, o período colonial na África) e o hoje, igualmente imaginado e vivido, (o neocolonialismo, o racismo, a dominação e a transplantação cultural, o eurocentrismo, a aculturação, as práticas de embranquecimento, a negação de africanidades etc.) tal qual se apresenta em *Escravidatura Abolida*, do *V Livro – Canto de Liberdade*.

Escravidatura abolida. Gritos de euforia
 Letras mortas nas cartas de alforria
 Fim do assalto ao continente africano
 Morte da dor e ressurreição dos fantasmas
 Quem vai cultivar as plantações de cana-de-açúcar?
 Quem vai lavar a loiça depois da pantagruélica refeição?
 Quem? O antigo patrão, ou as suas ociosas senhoras? Morreu a escravidatura ostensiva, oficial, legal
 Os traficantes de gente organizam-se novamente
 E a escravidatura ressurge silenciosa, subtil, invisível
 Nos cantos mais sombrios do mundo.
 Escravidatura abolida?
 Escravidatura antiga com nova face
 Vestido novo em corpo velho!
 (CHIZIANE, 2018, p. 116).

Nesse *Canto*, as vozes narradoras entoam hinos à África e aos(às) africanos(as), pondo, em cena e em relevância, as memórias da África e do mundo. Assim, com a ficcionalização da "estupidez

humana" – a escravidão –, e de novos modos de escravização e colonização, elas forjam memórias que não se esbarram em experiências individuais, mas que se desenham na coletividade, o que faz a África jamais se esquecer de seus filhos, como assinala a autora na "dedicatória" do livro.

Passeiam em *O canto* diversas vozes narradoras cantadoras. O clamor de africanos (as) escravizados (as) é apenas uma delas. Eis algumas:

- a) um africano escravizado em diálogo com um filho de África e a Mãe África (CHIZIANE, 2018, p. 19);
- b) o escravizado narrador de suas dores e dos novos modos de escravização (CHIZIANE, 2018, p. 32, 40, 54);
- c) o escravizado na América à Mãe África (CHIZIANE, 2018, p. 41);
- d) os filhos livres e longe de pais africanos escravizados nas Américas (CHIZIANE, 2018, p. 41);
- e) os afro-americanos (negros nas Américas);
- f) os africanos nascidos nas Américas ("Onde estão eles" – CHIZIANE, 2018, p. 43); ("Desespero" – CHIZIANE, 2018, p. 35);
- g) a Mãe África ("Grito de mãe" – CHIZIANE, 2018, p. 42);
- h) os africanos nos porões de navios negreiros ("Tua voz" – CHIZIANE, 2018, p. 33);
- i) um africano velho solitário, ex-escravizado ("É um filho meu!" – CHIZIANE, 2018, p. 44); um escravizado morto e imortal, concomitantemente, ("Canção de Amor" – CHIZIANE, 2018, p. 31); uma sereia negra africana ("Sereia negra" – CHIZIANE, 2018, p. 53);
- j) os africanos livres em busca dos seus pais nas Américas ("Cantiga do mar" – CHIZIANE, 2018, p. 48); ("Descalços seguiremos" – CHIZIANE, 2018, p. 52);
- k) o mar ("Estrada de dor" – CHIZIANE, 2018, p. 46);
- l) e até um colonizador ("Desvarios de um colono" – CHIZIANE, 2018, p. 78).

Essa multiplicidade de vozes remonta às *pe-soas-memórias* das sociedades de tradição oral,

aos *Arquivos vivos*, ou seja, àquelas pessoas que Hampate Bâ (1997) designou de *Memória/Tradição viva*. Assim, em tom oral, tais vozeares ficcionalizam as trilhas dos *Condenados da terra*, os(as) colonizados(as), como já chamara Franz Fanon (2005), não como ocorrera, mas como clamores narradores que, a um só tempo, recordam dores, sofrimentos, o labor e as mortes da escravidão. Além disso, reinventam exercícios de resistência, permeados de lembranças e saudades.

Ao cantar o continente africano, essas vozes rememoram o mundo sobre a escravidão e os (as) africanos (as) escravizados (as) nas Américas.

América!
 América!
 És o espaço que faltava para estender-me, florir
 Para expandir-me num novo solo e nova pátria
 És a dádiva que Deus me deu na mais perfeita dor
 América!
 És a minha nova África!
 Construí-te com a força dos meus braços!
 (CHIZIANE, 2018, p. 36).

Os cantos, entoados por essas múltiplas vozes, são odes (e alguns até *Oriki*³, em especial, *IV Livro – Transcendência*) de alegrias, dores, sonhos e honrarias à liberdade. Os versos reúnem inúmeras baladas, ritmadas através do som do tambor.

Toca meu tambor de samba
 Toca meu tambor de samba
 E leva saudades à minha mãe África
 Diz-lhe que já não tenho nome, nem terra
 Tiraram-me tudo, mas a minha alma não!
 Toca mais alto meu tambor de samba
 Preenche este vazio em me suspendem
 Embala a minha angústia e a minha saudade
 Diz à minha mãe que resistirei, e ao lar voltarei!
 Até das tangas fui despojado à espada
 O calor de missangas foi arrancado à bruta
 Diante dos navios da escravatura
 Tiraram-me tudo, mas a minha alma não!
 (CHIZIANE, 2018, p. 34).

O tambor é um instrumento percussivo porta-voz de um africano escravizado saudoso, desterrado e sem nome. Resta-lhe tão somente a sua "anima". Ao tambor cabe comunicar isso à mãe da voz angustiada.

São cânticos de lamentos, (re)encontros e resistências, asseguram-nos os versos narrativos e não lineares do *Canto*. Eis alguns:

a) *O canto de (re)encontro e resistência*. As crises identitárias, a mundialização, as interculturalidades, as práticas de não pertencimento africano, dentre outras, não escoam tão somente na esfera pessoal, ou na memória individual, mas se dá junto com as tramas sociais, coletivas, midiáticas, acadêmicas etc.

O (re) encontro com o existir africano, por exemplo, se destaca no *Livro III – Canto de resistência*. *Voltaremos; Descalços seguiremos* (CHIZIANE, 2018, p. 52); *Sereia negra* (CHIZIANE, 2018, p. 53); *Escuta-me* (CHIZIANE, 2018, p. 58); *Somos o primeiro mundo* (CHIZIANE, 2018, p. 62); *Silêncio* (CHIZIANE, 2018, p. 63); *Podes viver sem mim?* (CHIZIANE, 2018, p. 64); *Aqui estamos* (CHIZIANE, 2018, p. 57); *Voltaremos* (CHIZIANE, 2018, p. 51), são alguns dos versos-narrativos.

Sereia Negra

Sou sereia negra e renasci das ondas
 Morri acorrentada no navio e não fui escrava
 Danço eternamente no dorso do oceano
 Sou sereia livre cavalgando o mar
 mar, gémeo da lama africana, é a minha morada
 Sempre a dançar e a cantar abominando o infortúnio
 Sempre a vibrar ao sabor dos ventos e das marés
 Sou sereia bela na dança da eternidade
 Como uma boa negra, danço em cada instante
 Na celebração da vida, seja de dor ou de alegria
 Agradeço a Deus e nem lamento a vida que perdi
 Antes morta e livre do que viva e escrava
 [...] (CHIZIANE, 2018, p. 53).

³ Os *Oriki* (do *yorúbá*, *ori* = cabeça, *ki* = saudar) são versos, frases ou poemas que são formados, no Brasil, para saudar o orixá referindo-se a sua origem, as suas qualidades e a sua ancestralidade.

b) *O canto à liberdade e à esperança*. No Livro V – *Canto à liberdade*, os textos em versos evidenciam a resistência frente aos novos modos de colonização na África. Esse livro dedica-se à esperança, salientando a África como o futuro do mundo em, dentre outros, o *Afro-pessimismo*, (CHIZIANE, 2018, p. 56); *Caminha* (CHIZIANE, 2018, p. 60); *Escreve-te* (CHIZIANE, 2018, p. 122).

Aqui estamos!

A nossa existência torna mais sólida a nossa crença:

Deus existe! Sem Ele sucumbiríamos nas mãos dos negreiros

Nem a fome, nem a dor e a tortura, exterminaram a nossa raça

E resistimos à tortura e morte com a força de diamante

Ensina África, ao mundo inteiro

Que Deus existe, pelo milagre de escravos espalhados pelo mundo

Separados, embora nos erguemos num só grito:

Aqui estamos para lutar e vencer

E construir a cantar uma África de liberdade

(CHIZIANE, 1990, p. 57).

c) *O canto à utopia*. É uma ode às possibilidades, podendo tornar possível o que é factível. Os cantos inventam possibilidades exequíveis (*Às vezes penso* – CHIZIANE, 2018, p. 39). Há um apelo à África: reconhecer-se e resistir perante a espoliação e o neocolonialismo (*Olhar para ti* – CHIZIANE, 2018, p. 38).

Às vezes penso

[...]

Agora penso que um novo mundo vai nascer

Tanto sofrimento, resisti e resistirei

Às vezes penso que o mundo será melhor

E por ele lutarei por toda a eternidade

(CHIZIANE, 2018, p. 39).

d) *O canto à memória (coletiva) ou de retorno*. Os hinos desafiam ao sinalizar o movimento de retorno: voltar é tomar para si; tomar (tornar) de novo, para (re) tornar-se (nos), coletivamente, às raízes tradicionais africanas, não para procurar origens, mas para esquadrihar e encontrar sentidos e dimensões africanas no aqui e agora, tendo

em vista o pertencimento a um mundo negado, como se apresentam os versos de *Canto de glória*, no Livro II – *Canto de dor e desespero*.

Canto de glória

Canto ao amor à minha amada Pátria

O vibrar dos tambores de África desperta-me para a liberdade

A dança de sobrevivência afasta, por momentos, a dor de ser escravo

E faz-me enfrentar o abismo com força diamante

[...]

(CHIZIANE, 2018, p. 32).

e) *O canto de esperança e amor à África*. Não é um canto de lamentações, mas de libertação em que construções discursivas e narrativas forjam (inventam) probabilidades de (re) tornar-se africano (a), de reiteração da importância histórica e atual de Áfricas, tal como se desenha no Livro II – *Canto de dor e desespero*. (*América nova África*), (CHIZIANE, 2018, p. 36); *África!* (CHIZIANE, 2018, p. 37); *Olha para ti* (CHIZIANE, 2018, p. 38).

África!

[...]

Maltrataram-te, mas não alcançaram a tua essência

Desperta, que a tua energia vibra em cada grão de areia

Terminou o tempo de dor, és a estrela da nova era

Celebra e canta o porvir, porque és o futuro

(CHIZIANE, 2018, p. 37).

Esses árias e brados podem coadunar com as práticas de reconstrução da África e com as lutas e resistências históricas na diáspora. No Brasil e em Moçambique, é sempre bem-vinda a dicção literária que busca a liberdade que escapa e um dizer de si (nós) para além do passado de escravização e da dominação colonial. Aqui e lá, também urgem entoar baladas; e reivindicar, pela palavra literária, outros cursos da história e o poder de transitar com dignidade, autonomia, altruísmo e liberdade na África e nas Américas, semelhantes aos clamores dos textos-narrativos em versos de *O canto dos escravizados*.

O Mar – morada de memórias

Além de tantas vozes narradoras cantantes, outro aspecto que se sobressai em *O canto dos escravizados* é o MAR como um guardador de memórias coletivas. Jacques Le Goff (1996), ao fazer uma abordagem sobre a memória⁴ e as suas relações com a história, apresenta outras e discute as suas múltiplas possibilidades: a memória individual/coletiva; a memória como narrativa, identidade; a memória como conteúdo psíquico; a memória social, a memória étnica; as funções da oralidade e da escrita na construção da memória, dentre outras. Além de ampliar as modalidades de memórias e as suas concepções, o historiador redimensiona os espaços de memórias que deixam de ser tão somente os lugares já legitimados, tais como memoriais, livros, parques, bibliotecas, museus e arquivos, onde, convencional e historicamente, guardam-se o vivido, histórias e eventos. Esses são considerados, na maioria das vezes, como únicos e exclusivos espaços de arquivamento de recordações e lembranças.

Para Le Goff (1996), prédios, ruas, casas, praças, jardins, cemitérios, prédios públicos e privados, ambientes naturais, dentre outros, inclusive, são *locus* efetivos de conservação de histórias e memórias, tal como afirma Pierre Nora (1992). Esses vários locais de preservação de histórias pessoais e sociais, certamente, favorecem a criação de memórias individuais e coletivas, como assegura Maurice Halbwachs (2006).

Parece pertinente, diante dessas configurações de espaços de memórias, compreender a recorrência do mar como um repositório relevante de recordações e esquecimentos, inventado pelas vozes e brados que tecem memórias em *O canto dos escravizados*.

Estrada de dor

[...]

Resido na memória dos meus descendentes

No silêncio dos céus e na vibração das ondas

Resido no ventre do mar e no azul do horizonte

Onde navega a paz do meu espírito

É belo viver, mesmo depois de morto

Mais belo ainda é sorrir depois do grande choro

Imortal eu sou, perdi o corpo escravo e mudei de mundo

Deram-me a morte à bala, mas ganhei a liberdade dos ventos.

(CHIZIANE, 2018, p. 46).

Ao mar é dedicado parte do *Livro II* (CHIZIANE, 2018, p. 45-48), mas ele, ao longo do livro, se estampa em vários versos narrativos. É figurado e relacionado com imagens, por vezes, duras de imaginar, porém inevitáveis: poderoso; há de tudo; conhece tudo; maior cemitério de África.

Estrada sem rasto

[...]

Mar, estrada sem rasto

Como irei reencontrar os meus ancestrais

Se apagaste as pegadas de toda a gente?

Mar medonho, quantos negros afundaste?

Quantos negros morreram nas tuas águas?

Mar meu, és o mais tenebroso dos túmulos

És o maior cemitério de África

(CHIZIANE, 2018, p. 47).

Nele reside a dor de escravizados(as) e de filhos(as) de escravizados(as). É uma estrada de pavor e dor.

Estrada de dor

Mar: azul horizonte, azul infinito

A África inteira baila no dorso das tuas ondas

O teu sal, ó mar, são lágrimas de dor

Derramadas pelos cativos em todas as travessias

Mar, estrada de pavor

Engoliste tantas naus, que até perdeste a conta

Mar medonho, matas tudo: marinheiros, navios, escravos

Mar, és um eterno cantador como escravo no porão

És eterno viajante, sempre flutuante, sem território fixo

És mesmo um escravo, que busca a paz entre as marés

⁴ Ver estudos sobre memória em, dentre outros, Jacques Le Goff (1996); Michael Pollak (1989, 1992); Ana Luiza B. Smolka (2000); Pierre Nora (1989, 1992); Ecléa Bosi (1994); M. Halbwachs (2006).

Para fixar a âncora e repousar o cansaço da existência

(CHIZIANE, 2018, p. 46).

Desfila, nas canções, o mar também como companhia dos(as) escravizados(as) e aparece, inclusive, como caminho para chegar à América de sofrimento e luta.

Perdido para sempre

Juntei minha voz ao marulhar das ondas

Gritei, chorei e chamei por ti, meu Deus

Para que viesses socorrer da tortura

E me livrar da escravatura

As ondas bailaram e cantaram só para mim

As gaivotas executaram a dança dos céus

[...]

Inveja tenho dos que morreram na travessia do mar

Jamais conhecerão a dor das grilhetas e das correntes

Invejo os que ficaram em África, apesar de colonizados

Porque eu na América me sinto perdido para sempre

(CHIZIANE, 2018, p. 45).

O mar transita em versos narrativos, não tão somente como metáfora ou lugar em que se viveu e se guardam fatos, lembranças, atrocidades e mortes, decorrentes da escravidão e do passado colonial, mas também como um locus significativo de invenções de memórias de Áfricas e do mundo, além de voz narradora. As suas ondas são companhia na travessia, mediante a solidão, e, ao mesmo tempo, o consolo, para os(as) escravizados(as).

Cantiga do mar

Nas ondas mansas, nas ondas bravas

No azul celeste, no azul intenso

Na cor do céu e do horizonte

Reside a dor da minha alma

Mas, ó mar, estrada do pavor

Mar, ó mar, consola a minha dor

[...]

(CHIZIANE, 2018, p. 48).

O mar percorre o imaginário de Paulina Chiziane, em *O canto dos escravizados*, arquivando histórias em que habitam heranças históricas e ancestrais que ligam africanos (as) e afrodescendentes nas diásporas aos antepassados(as) africanos(as) escravizados(as), possibilitando-o(as) reescrever e ficcionalizar histórias e memórias individuais e coletivas. Nesse sentido, o mar aparece como moradas de memórias, mas também como um baú seguro e quase sagrado, onde residem corpos, lembranças e vozes navegantes, naufragas, memoriais e encantadas, com suas grandezas e mistérios, sedentas de liberdade.

O mar, o mar! Além de morada de recordações e histórias, o mar e as suas ondas sítiam versos narrativos de *O Canto!*

As memórias, os seus ambientes e as cantigas, em *O canto dos escravizados*, constroem-se amparados por fatos históricos ou por aquilo supostamente vivido por africanos (as) escravizados. Os seus versos também são tecidos por criatividade, histórias recriadas, contadas, lidas e ouvidas, além de significações atribuídas aos territórios africanos e afrodiaspóricos, experiências pessoais e coletivas, inclusive, àquilo que se escolhe ficcionalizar, lembrar e esquecer (POLLAK, 1989). Neste sentido, elas se desenham longe de fixidez, linearidades, totalidades e próximas de fragmentações, pois se apresentam como fios e fiapos do que se quer lembrado. Assim, os seus versos memorialísticos ganham contornos coletivos, visto que pela experiência de recordar ou inventar recordações forjam-se memórias.

Considerações finais

O canto dos escravizados não é um hino de lamentações, mas odes de libertações através das quais se forjam releituras e cantigas de (re)encontro, retorno e (re)constituição de Áfricas e africanidades. Nesta perspectiva, esse *Canto* ecoa nas lutas e ressoa em sonhos, utopias, distopias e modos de (re)existir e de exercícios de liberdade.

O Canto chegou em boa hora, não só em Moçambique, mas também no Brasil, porque torna-se uma balada de amplas e complexas pautas de resistências. É preciso cantar dores e

memórias históricas! Mas é preciso seguir outros mares e trilhas e construir outros cantos, pontes e travessias, inclusive literárias, a reinventar outros mundos possíveis, tatuados, dentre outros, por dignidade, liberdade, alteridade, justiça e equidade, nas Áfricas e nas diásporas.

Lembrar, em "textos em versos" e narrados, significa, neste íterim, um longo processo de imersão no passado, implicando esquecer e/ou revogar lembranças e recordações e inventar o tempo presente. Talvez, esse seja um bom desafio e um dos desassossegos que emergem deste texto!

Referências

BÃ, Hampate A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História geral da África**. Metodologia e pré-história na África. São Carlos, 1997. v. 1. p. 167-214.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** – Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHIZIANE, Paulina. **O Canto dos escravos**. Maputo: Matiko e Arte, Lda, 2017.

CHIZIANE, Paulina. **O canto dos escravizados**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

FANON, Franz. **Os Condenados da terra**. Trad. Enilce Albergaria Rocha; Luci Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. v. 2. (Coleção Cultura).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LEITE, Ana Mafalda Leite. Paulina Chiziane: romance de costumes, histórias morais. In: **Ensaios sobre Literaturas Africanas**. Maputo: Alcance editores, 2013. Ensaios.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1997.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SANTIAGO, Ana Rita. **Cartografias em construção**. Algumas escritoras de Moçambique. Cruz das Almas: EDUFRB, 2019. (E-book).

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, n. 71, p. 166-193, jul. 2000.

Ana Rita Santiago

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, BA, Brasil; pós-doutora pela Université Paris Descartes, Sorbonne, Paris, França; mestre em Educação e Contemporaneidade, pela Universidade do Estado da Bahia, em Salvador, BA, Brasil; professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em Amargosa, BA, Brasil.

Endereço para correspondência

Ana Rita Santiago

Rua Vicente Batalha, 309, apto. 201, Ed. Rafael Trocoli
Costa Azul, 41760-030

Salvador, BA, Brasil